

Onda de rádio bloqueia nervo 162

RIO DE JANEIRO — Desde dezembro, o Inamps está pagando implantes de um pequeno aparelho em pacientes que sofrem de dores crônicas não controláveis por substâncias químicas. Importado, o aparelho custa 10 mil dólares e é eficiente. O problema é que o paciente tem de se submeter a uma rápida cirurgia, de três em três anos, para trocar as baterias da engenhoca.

Já existe no Brasil um novo aparelho, chamado de estimulador transcutâneo, que dispensa esse incômodo. Desenvolvido pelo pesquisador Appolo Fanzeres, no laboratório de Eletrofisiologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ele é capaz de mandar sinais bloquea-

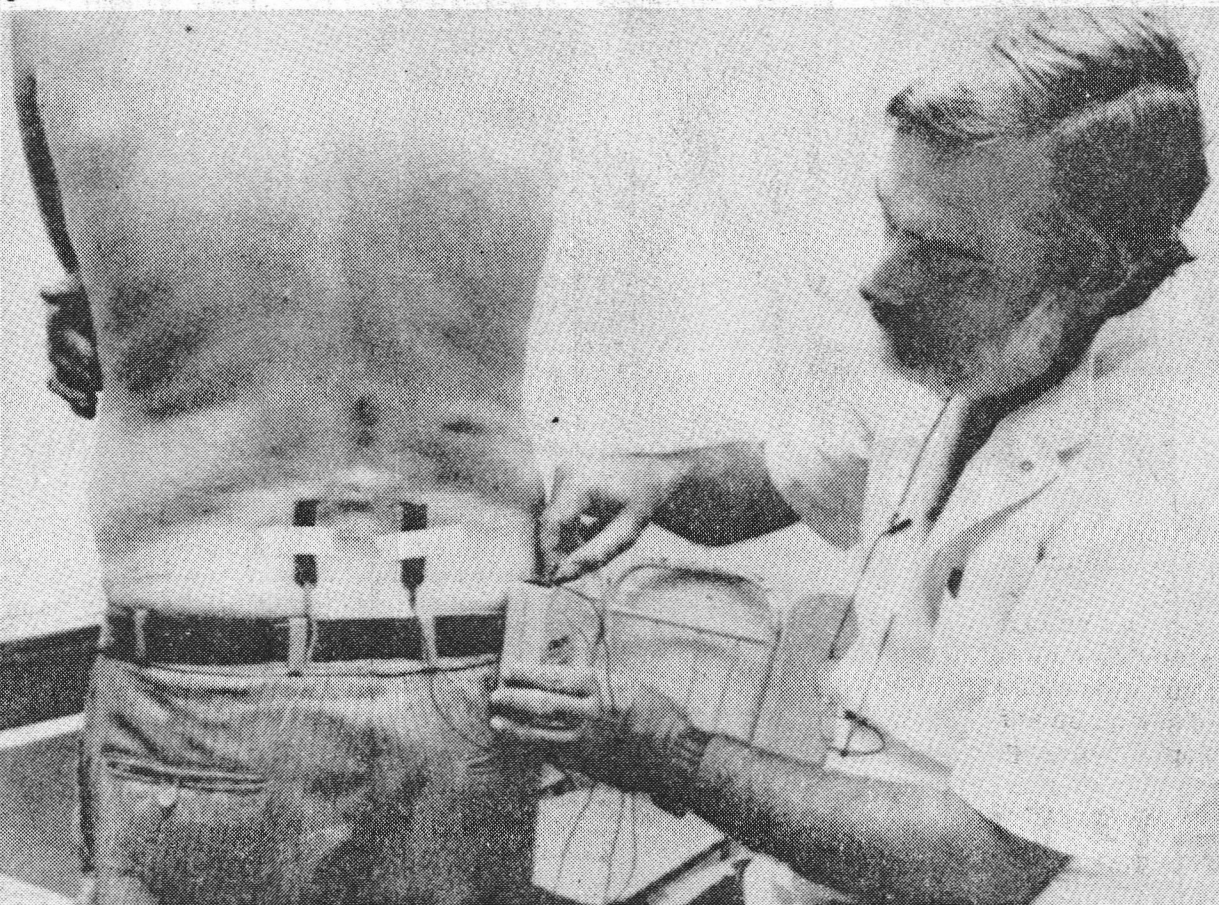
dores de dor através da pele, como se fosse uma estação de rádio. Outra vantagem apontada pelo pesquisador é o seu baixo preço, cinco vezes mais barato que o importado.

“Qualquer bom técnico de rádio ou televisão pode produzir o estimulador com peças compradas em lojas especializadas”, diz Fanzeres, ao anunciar que os esquemas elétricos por ele desenhados estão à disposição de quem queira usá-los. “Só exijo que o interessado tenha o aval de um médico”, explica.

Em vez de mandar correntes elétricas diretamente ao ponto nevrálgico, o aparelho de Fanzeres gera ondas de radiofrequência como as de rádio. O trecho do nervo afetado vai agir

como se fosse uma antena, transformando a irradiação numa corrente elétrica. “A corrente gerada pelo aparelho pode ser sintonizada para ter a mesma intensidade, amplitude e frequência dos pulsos elétricos da dor, só que com a polaridade invertida. O princípio é anular a corrente nervosa”, explica o pesquisador.

Dispensando o implante, ele é carregado no bolso junto com uma pequena bateria de 22 volts, enquanto a emissão de radiofrequência é aplicada diretamente na pele por placas de metal, afixadas por esparadrapos. Outra vantagem anunciada por Fanzeres é que o próprio paciente pode controlar a potência das emissões, conforme a intensidade da dor.



Telles instala o aparelho, mas adverte: “Não serve para todos os tipos de dores”

Jonas Cunha/AE